

PLANALTINA

Falta infra-estrutura

Setor Sul de Planaltina, tempo seco, qualquer hora do dia. O vento bate forte na rua de terra batida. Sobe nuvem de poeira. No palco turvo, dançam folhas secas e pedaços de papel. O pó se espalha e entra nas casas. Olhos lacrimejam, roupa molhada no varal tinge-se de vermelho. O redemoinho é velho conhecido dos moradores. Mas o tempo de convivência não os fez amigos.

Sheila Raposo
Da equipe do Correio

O Setor Sul de Planaltina foi criado em 1958. Desde então, cresceu, ganhou comércio, as ruas se espicharam. O número de moradores aumentou — hoje são cerca de dez mil. Mas a infra-estrutura não veio no mesmo galope. Das quatro avenidas do setor, apenas duas contam com asfalto e meio-fio. Nas sete ruas que as cortam, o cenário é o mesmo: chão de terra solta, buracos, mato alto. Na seca, a poeira reina. Quando chove, a vez é da lama.

A carência de infra-estrutura seria ainda maior não fosse a iniciativa dos próprios moradores. Cansados de esperar pelo governo, eles se uniram e pagaram à Companhia de Saneamento de Brasília (Caesb) a quantia de R\$

200, cada, para construir sistema de esgotos no setor. O IPTU, garantem eles, sempre esteve em dia. São valores que variam de R\$ 120 a R\$ 150. “Mas nunca foram revertidos em benfeitorias para a comunidade”, analisa Sebastião da Cruz, integrante do Grupo de Mobilização Reivindicatória do Setor Sul.

A promessa de pavimentação asfáltica, meios-fios e drenagem pluvial é ouvida pelos moradores há anos. Para se ter uma idéia, desde 1987 a obra é prevista no orçamento do GDF. O funcionário público Antônio Waldeci Alves, também integrante do grupo de mobilização, tem cópias de leis orçamentárias de 1996 a 2000. Em todas elas, figura a complementação asfáltica do setor. “Mas fica nisso. Para piorar, as avenidas que já estão prontas estão se deteriorando”, diz ele.

O asfalto é a principal reivindicação da comunidade. Mas não é a única. Eles querem posto policial, escolas (há apenas uma, ainda em construção), posto médico, lazer. “Nossa urbanização é muito precária. Está tudo abandonado. E é porque nosso setor é um dos mais antigos da cidade”, queixa-se Waldeci. Ele conta que as ruas são varridas e o mato é capinado somente em duas ocasiões: na Semana Santa e no aniversário de Planaltina.

Mas é a pavimentação que mais angustia os moradores. Por mais que arborização, praças e ruas limpas sejam necessárias, o asfalto é prioridade. O aposentado Martiniano Pereira dos Santos, 15 anos em Planaltina, vive em eterna briga contra a poeira e o barro. A casa dele fica na parte mais baixa da rua. Basta uma chuvinha para transformar o jardim em lagoa de lama. Na seca, mesmo o vento mais fraco leva quilos de pó para dentro da sala. “Ouvimos promessa de obras quase todo dia. E nada acontece”, diz.

EQUÍVOCO

No dia cinco de julho, o movimento comunitário organizou passeata para exigir o início das obras. Com saída da rua Mato Grosso, uma das mais empoeiradas da região — é por onde passam os ônibus urbanos —, a mobilização não contou com o número esperado de participantes porque, segundo conta Waldeci, um dia antes a Administração Regional de Planaltina distribuiu cópias de ofício enviado à prefeitura comunitária. No documento, o administrador Vatanábio Souza afirmava que a realização das obras dependia apenas de licitação da Novacap. E que isso aconteceria em breve.

Waldeci acredita que isso em-

palideceu a marcha. “Muita gente acreditou que não precisava ir à passeata porque o processo estava encaminhado”, diz. Mesmo assim, mais de 600 pessoas percorreram as ruas do Setor Sul. O próprio administrador esteve no local. Chegou até a fazer discurso. “Ele prometeu que as máquinas estariam nas ruas no dia 1º de agosto. Seria um presente de aniversário, já que a cidade completa 142 anos no dia 19. Mas esse dia já passou e até agora nada”, cobra o funcionário público.

Vatanábio rebate e diz que os moradores se equivocaram. “Eu apenas citei que o projeto estava pronto e que esperávamos a publicação no Diário Oficial”, explica. O administrador não deu previsões para o início das obras, que incluem os setores Sul e Norte e estão orçadas em R\$ 4,5 milhões. Tudo, agora, depende da Novacap. “Processos de licitação são demorados”, justifica.

Enquanto isso, a paciência é a arma dos moradores. Bairros mais jovens — como Jardim Roriz, Buritis III e Vila Nossa Senhora de Fátima — foram criados bem depois, mas já contam com a infra-estrutura há tanto tempo esperada pela comunidade do Setor Sul. “Talvez porque são bairros mais populosos. Consequentemente, têm mais eleitores”, supõe Waldeci.